

(DES)CONTINUIDADES ENTRE LEITOR E AUTOR NO CONTO “A CONTINUIDADE DOS PARQUES”, DE JULIO CORTÁZAR

Aline Afonso Almeida 1, Fernanda Cristina Lopes 2

1. Estudante do curso de Letras do Centro Universitário Internacional UNINTER
2. Professora do Centro Universitário Internacional UNINTER

Grupo de trabalho: GT 03 - EAD, PRESENCIAL E O HÍBRIDO: VÁRIOS CENÁRIOS DE DOCÊNCIA, DE GESTÃO, DE HISTÓRIA, DE CURRÍCULO, DE APRENDIZAGEM E DE POLÍTICAS PÚBLICAS

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o estatuto do leitor no conto “A continuidade dos parques”, de Julio Cortázar, a partir do conceito da “morte do autor” desenvolvido por Roland Barthes. A pesquisa parte da hipótese de que o conto, por meio de uma construção narrativa ambígua e provocadora, convida o leitor a assumir uma postura ativa diante do texto, rompendo com a ideia de um significado fixo e autoral. A metodologia adotada é uma análise do conto, fundamentada nas reflexões teóricas de Barthes, especialmente em seu ensaio “A morte do autor” e em trechos de “O prazer do texto”. Também são consideradas algumas contribuições críticas sobre o conto, como o artigo de Silvia Elena Solano Rivera. O trabalho discute como a narrativa de Cortázar desfoca a fronteira entre realidade e ficção, exigindo que o leitor participe ativamente da construção de sentido. Essa relação dialógica entre texto e leitor é potencializada pelo esfacelamento dos limites entre o mundo ficcional e o ato de leitura, fazendo com que o leitor se torne personagem da própria experiência de leitura. A análise conclui que “A continuidade dos parques” funciona como um dispositivo literário que dialoga com a perspectiva de Barthes ao deslocar a autoridade interpretativa do autor para o leitor.

Palavras-chave: Literatura argentina. Leitor-personagem. Ficção e realidade.

INTRODUÇÃO

O conto “A continuidade dos parques”, de Julio Cortázar, narra a história de um homem que tenta retomar a leitura de um romance, após algumas interrupções causadas pela rotina. Sozinho em seu escritório, sentado em uma poltrona de veludo verde, ele se deixa devorar pela narrativa, que opera como uma câmera em movimento, deslizando da leitura silenciosa à ação literária. À medida que avança na leitura, os limites entre o livro e a realidade do leitor começam a se dissolver, criando uma conexão inquietante entre os dois mundos: aquele em que se desenvolve a trama romanesca e aquele em que o leitor lê a mesma trama que lhe situa num mundo “outro”. No desfecho, o personagem do romance “atravessa” essa fronteira e entra no escritório, aproximando-se do homem que o lia, numa reviravolta que enfraquece as barreiras entre ficção e realidade, até que o leitor se torna objeto de sua própria leitura. O texto de Cortázar parece sugerir

[Digite aqui]

que, da mesma forma que devoramos um texto, esse também teria o potencial de nos devorar de volta. Mas seria possível ao leitor retomar o controle? Poderia ele ser agente e protagonista da sua própria leitura? E, se sim, de que forma?

Este artigo propõe uma leitura do conto fundamentada nos conceitos desenvolvidos por Roland Barthes, especialmente nos ensaios “A morte do autor” e “O prazer do texto”. Parte-se da hipótese de que a narrativa de Cortázar, ao construir uma relação ambígua e provocadora entre leitor e texto, convida à superação da leitura passiva e à adoção de uma postura crítica e ativa. A análise busca evidenciar como o conto encena, simbolicamente, a tensão entre o leitor que se deixa dominar pela narrativa e aquele que resiste, interpreta e transforma o texto.

METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem hermenêutica, centrada na interpretação crítica do conto “A continuidade dos parques”, de Julio Cortázar, à luz dos conceitos desenvolvidos por Roland Barthes, especialmente aqueles presentes nos ensaios “A morte do autor” e “O prazer do texto”. A análise parte da hipótese de que o conto, por meio de uma construção narrativa ambígua e provocadora, convida o leitor a assumir uma postura ativa diante do texto. Para isso, realiza-se uma leitura interpretativa que busca evidenciar como a estrutura do conto e seus elementos narrativos dialogam com as categorias teóricas propostas por Barthes, como a “morte do autor”, o “texto de prazer” e o “texto de fruição”. O objetivo é compreender de que maneira o leitor é convocado a ocupar um lugar central na produção de sentido, deslocando-se da passividade para uma posição crítica e consciente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Roland Barthes inicia seu ensaio “A morte do autor” com a afirmação de que não é possível recuperar com precisão a intenção de quem escreve: “Jamais será possível saber, pela simples razão que a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem” (Barthes, 2004, p. 57). Apesar disso, observa-se um esforço persistente, por parte da crítica e do público, de buscar no autor a autoridade suprema sobre o sentido de uma obra. Barthes enfatiza que nenhum texto é verdadeiramente original. A obra literária é, segundo ele, “[...] um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura.” (Barthes, 2004, p. 62). Assim, o escritor é apenas alguém que “imita um gesto sempre anterior”, e a verdadeira potência interpretativa está no leitor. É o leitor quem acolhe o jogo de significados que o texto oferece. Como diz Barthes (2004, p. 64):

[...] há, entretanto, alguém que ouve cada palavra na sua duplicidade, e ouve mais, pode-se dizer, a própria surdez das personagens que falam diante dele: esse alguém é precisamente o leitor (...) há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura.

[Digite aqui]

Nesse sentido, o leitor deixa de ser uma figura passiva e se torna o centro da experiência literária. A pergunta não é mais “o que o autor quis dizer?”, mas sim “o que o texto faz comigo enquanto leitor?”. É nessa virada interpretativa que nasce o leitor como protagonista do sentido, e o autor, simbolicamente, morre. No ensaio *O prazer do texto*, Barthes apresenta conceitos fundamentais para pensar a experiência da leitura e a relação entre autor, texto e leitor. Barthes distingue dois tipos de texto, os de prazer e os de fruição:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (Barthes, 2006, p. 20-21).

Nesse texto, embora não trate diretamente da “morte do autor”, o autor reforça uma ideia semelhante: não há mais um sujeito ativo por trás do texto (autor) nem um leitor passivo diante dele. O texto é uma cena onde autor e leitor se confundem, e a linguagem assume o papel principal. Barthes usa a metáfora do “olho indiferenciado”, que tanto vê quanto é visto para mostrar que a leitura é um processo ativo, em que o leitor não é mero receptor, mas um agente participante. Barthes também diferencia os leitores e escritores de prazer, que desfrutam da letra e da linguagem de forma confortável, daqueles que experimentam a fruição, que envolve maior esforço e desafio. Os textos de fruição são mais difíceis de apreender, pois provocam a desconstrução das bases do leitor “[...] o presente constativo, a apresentação da fruição lhe é interdita; sua matéria de predileção é portanto a cultura, que é tudo em nós salvo nosso presente” (Barthes, 2006, p. 29). A partir dessas ideias, pode-se entender que a “morte do autor” implica o “nascimento do leitor” como protagonista da experiência literária. O leitor não é mais um receptor passivo da “intenção do autor”, mas o agente que produz e transforma o sentido do texto, vivenciando tanto o prazer confortável quanto a fruição desconfortável da leitura. Ao realizar a leitura do conto “A continuidade dos parques”, podemos refletir sobre a possibilidade de uma metáfora em que o leitor-personagem é um leitor desatento, que sucumbe à vontade do autor, como sinaliza Rivera (2015, p. 59, tradução nossa):

O leitor-personagem é um leitor alienado que carece de capacidades cognitivas e epistêmicas que lhe permitam encontrar, no texto lido, as chaves ou sinais que possibilitem a leitura de seu próprio mundo, de sua realidade. Estamos diante de um leitor que não possui a capacidade de vincular realidade e literatura e, portanto, não sabe ler de forma proveitosa nem a realidade nem a literatura.¹

¹ No original: “El lector-personaje es un lector enajenado que carece de capacidades cognitivas y epistémicas que le permitan hallar en el texto leído las claves o señales que le posibiliten la lectura de su propio mundo, de su realidad. Nos encontramos ante un lector que no posee la capacidad de vincular realidad y literatura, y por lo tanto no sabe leer provechosamente ni la realidad ni la literatura” (Rivera, 2015, p. 59).

Essa inversão propõe um jogo de poder, em que ora o controle está nas mãos do autor, que manipula e subjuga o leitor através da trama, ora nas mãos do leitor ativo, aquele que percebe as nuances da narrativa e consegue enxergar a realidade por trás da ficção. Este leitor, ao assumir uma postura interpretativa consciente, transforma a leitura em um ato de resistência, tirando da experiência textual significados próprios e impactos reais para sua vida. Isso é o oposto do que acontece no conto de Cortázar, onde o personagem-leitor se entrega completamente à narrativa sem qualquer atitude crítica. Ele se posiciona de costas para a porta, ou seja, de costas para a realidade. Ignora o mundo ao redor. Resultado? Ele é aniquilado pela própria leitura. Em um misto de armadilha e provocação, o conto de Cortázar nos desperta para a reflexão sobre qual tipo de leitores nós somos: o de prazer, que apenas está interessado pelo final da história, pela fuga da realidade e dissociação, ou o leitor de gozo, que é firme e crítico, que não cai nas armadilhas do autor do texto.

O conto vai “minando as defesas”, tanto do leitor real quanto do leitor-personagem, desde as primeiras linhas. A estrutura já prepara o golpe final, ainda que o leitor não perceba. Isso é o tal “nocaute literário” que Cortázar (1974) defende como essência do conto. Essa ideia de um leitor que precisa manter-se alerta diante da narrativa é também desenvolvida por Rivera (2015), que propõe uma leitura crítica do conto como uma metáfora da própria experiência de leitura. Segundo a autora, o texto exige um leitor que não se deixe absorver passivamente pela ficção, mas que mantenha sua capacidade de análise e distanciamento crítico.

Dessa forma, ao colocarmos em diálogo o conto de Cortázar com as categorias teóricas de Barthes, percebemos que o leitor, tanto o plasmado no papel quanto o de carne e osso, é convocado a escolher seu lugar na leitura: ser passivo e sucumbir à narrativa, como quem busca apenas o prazer confortável, ou assumir uma postura crítica, desconfiada, ativa, que enxerga além da superfície do texto. A morte do leitor-personagem torna-se, então, um alerta simbólico: ou lemos com consciência e presença, ou nos perdemos, não apenas na ficção, mas também na vida.

CONCLUSÕES

Ao longo da análise, partimos das discussões propostas por Roland Barthes sobre a “morte do autor” e o “prazer do texto”, destacando a centralidade do leitor como agente ativo na construção de sentido. Exploramos as categorias de texto de prazer e texto de fruição, refletindo sobre como a leitura pode tanto confortar quanto desestabilizar, revelando camadas profundas da linguagem e da cultura. A partir dessas teorias, retomamos o conto “A continuidade dos parques”, de Julio Cortázar, para analisar o papel do leitor e suas implicações. Compreender o leitor sob essa perspectiva significa enxergá-lo não mais como mero receptor da vontade do autor, mas como aquele que pode (e deve) resistir, interpretar e transformar o texto, inclusive recusá-lo. Isso desloca a leitura para o campo da responsabilidade: a leitura crítica e consciente não apenas ativa o texto, mas também protege o leitor da dissolução de si diante da narrativa.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57–64.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 147–163.

CORTÁZAR, Julio. Continuidade dos parques. In: CORTÁZAR, Julio. **Final do jogo**. Tradução de Aurora Bernardini. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004. p. 11–13.

RIVERA, Silvia Elena Solano. “Continuidad de los parques”: una poética de lectura. **Revista Káñina**, San José, Costa Rica, v. 39, n. 1, p. 53–64, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44247252004>. Acesso em: 21 jun. 2025.